

ANAIS DA II JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
PARINTINS - 2018

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da II Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>
latinitates.weebly.com
facebook.com/latinitates

Arte da capa: Thiago Godinho
ISBN: 978-85-7883-473-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2018

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- P. Commelin (2011). **Mitologia grega e romana**. Trad. E. Brandão. São Paulo: Editora WMF Fontes.
- D. R. Costa; B. Guilouski (2012). “Ritos e Rituais”. **Anaid da II Jornada Interdisciplinar de Pesquisa em Teologia e Humanidades - Subjetivação Contemporânea e Religiosidade, Escola de Educação e Humanidades**. Curitiba. Pg. 91-109.
- P. R. Dias (2009). “Ritos e Rituais – vida, morte e marcas corporais: a importância desses símbolos para a sociedade”. **Vidya 2**, p. 71-86.
- M. Eliade (2006). **O sagrado e o Profano: a essência das religiões**. Trad. R. Fernandes. Lisboa: Livros do Brasil.
- A. Lima-Mesquitela, *Et Alii*, (1991). **Introdução à antropologia cultural**. Lisboa: Editorial Presença.
- N. B. Megale (2000). **Folclore Brasileiro**. Petrópolis: Vozes.
- S. M. Montalvão (2011). “Jogos de Gladiador como Rito Romano: das origens religiosas como celebração popular até seu caráter de entretenimento de massa”. *In Ciberteologia – Revista de Teologia e Cultura*, n. 50. pg. 27-42.
- C. B. Santos (2010). “As festas religiosas e a demarcação do tempo na Roma Antiga”. **Rev. Alétheia de Estudos sobre Antiguidade e Medievo 2**. Pg. 1-12.
- M. Segalen (2002). **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio Janeiro: FGV.
- V. W. Turner (1974). **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Trad. N. Campi de Castro. Petrópolis: Vozes.



PROMETEU E SUA INFLUÊNCIA EM A DERROTA DO MITO

Cássia Arianny Pimentel de Freitas [UEA]
Tadeu da Silva Macedo [UEA/FLUC]

Resumo: *Este artigo tem por objeto de análise e estudo o drama “A derrota do mito” de Tenório Telles representada através dos atos e ações do homem da atualidade, a qual faz intertextualidades de obras do Mundo Clássico, é uma dramaturgia elegíaca de desesperança, composto por personagens mitológicos que se explica a realidade dos humanos e que os cercam. E, neste preposto trabalhará a influência épica de Prometeu - Ésquilo para o teatro, sua simbologia, adaptações e apropriações tratada*

na referida obra que a ação dramática da narrativa não consiste na presentificação do narrador, mas na sua destituição. Assim é um efeito de tradução da vida, dos sentidos, dos dramas em face da sua realidade cotidiana, logo esta influência não faz destes poetas e dramaturgos menos originais, a obra que surge e aos que surgirá não se apresenta e nem apresentará como novidade absoluta.

Palavras-chave: Dramaturgia. Influência. Mito. Prometeu de Ésquilo. Mundo Clássico.

INTRODUÇÃO

O objeto de análise e estudo é o drama “A derrota do mito” de Tenório Telles, o qual utiliza vários personagens mitológicos e dentre estes, o épico Prometeu de Ésquilo, saber quais as influências, simbologia, adaptações e apropriações tratada na referida obra que a ação dramática da narrativa não consiste na presentificação do narrador, mas na sua destituição. Assim, Barbosa (2012) descreve quando um brasileiro se curva à beleza dos clássicos, utiliza-se de um procedimento harmônico e delicado, atento e diligente, porém sempre irreverente diante do passado.

Mas o que torna atraente A derrota do mito é a correspondência ao princípio da criação de Prometeu que ao furtar o fogo dos deuses foi penalizado e após milênios a libertação surgiu para ele, mas será que terminou por aí a sua trajetória? Será que abandonou os seres humanos? A resposta é: não! Ele percorre a viver livre, modesto e discreto, viajando por várias épocas nas intertextualidades presentes nesta obra com sua benevolência teimosia em prol dos homens, sendo o último guardião das fantasias e dos sonhos perdidos da humanidade que ainda insiste cegamente a busca incessante pelo poder. Poder este que levou gerações à perdição, ao declínio, ao conflito e à morte de inocentes ou não que viraram pó. E qual seria o propósito desta arte para os dias de hoje? Qual a influência dos personagens mitológicos sobre os homens, se nos transmitem alguma mensagem e se por acaso há efeito?

Em *A Poética* de Aristóteles trata da tragédia uma arte de imitar uma ação elevada e completa, dotada em extensão, numa linguagem embelezada por formas diferentes em cada uma das suas partes (p.1449b 20-26), e o enredo é a imitação da ação, isto é, a estruturação dos acontecimentos, demonstrando alguma coisa ou

exprimindo uma opinião (p.1450a 4-9). Além disso, sob os aspectos de Aristóteles, o *mythos* é o elemento mais recorrente em *A derrota do mito*, apresentando-se em complexo, a *peripeteia* em cada plano (possuindo entre uma e seis cenas por cada plano) e *anagnorisis* em alguns personagens.

METÁFORA DA DERROTA

A derrota do mito é o que se sugere um épico às avessas, porque narra todos os heroísmos como derrotas absolutas. É uma dramaturgia elegíaca de desesperança, composto por personagens mitológicos que explica a realidade dos humanos e o que os cercam. Cada personagem é um mito, porque explica-se, e há uma voz de julgamento de tudo que fomos enquanto espécie civilizatória.

A dramaturgia é uma das manifestações artísticas que está vinculado à realidade, uma transfiguração do real, sendo que

o poeta imita coisas a partir de três possibilidades: ou as representa como eram ou são, ou como os outros dizem que são e elas parecem ser, ou como elas deveriam ser. Essa norma evidencia a vinculação da *mimesis* com um referente exterior [...] A elocução com palavras estrangeiras e metáforas participam do processo como veículo de representação. (Araújo, 2011. p.77)

Em conceito Aristotélico, a definição da metáfora é como “a alma da poesia”, pois justamente construir bem uma metáfora é o mesmo que perceber as semelhanças, (p.1459b 5-8). A propósito que Halliwell denota transferência de uma palavra que pertence a outra coisa, ou do gênero para a espécie ou vice e versa, ou por analogia, é usado num sentido mais amplo do que na atualidade, (p.1457b 9-11). Sendo que há duas coisas opostas em torno da tragédia, a poesia e a prosa como imitações da vida, e somente as pessoas elevadas conseguem compreendê-la pela escritura, mas como toda a poética é imitativa, ao ser representada a poética realizar-se dando direito às camadas inferiores de compreender a arte poética, segundo Grizoste (2015).

A peça teatral analisada chama-nos atenção quanto aos problemas da humanidade, onde nossas ações refletem e não há como corrigir ou voltar ao tempo, sobre a brevidade da vida, a angústia do homem (questionando sobre sua existência), a busca pelo

poder, sendo este a decadência do homem, que o leva a loucura e a tragédia. Dessa forma a catarse deste teatro atua sobre a nossa fraqueza. Quanto a influência e recepção do épico que viriam a desempenhar um papel significativo, Jauss (1979) afirma que a origem do prazer da imitação pode não apenas derivar da admiração de uma técnica perfeita da imitação, como também do regozijo ante o reconhecimento da imagem original no imitado, o que justifica o prazer catártico.

O referido Prometeu excluído do mundo é o último guardião dos sonhos perdidos, numa conspiração contra o reinado do silêncio, do tédio e da morte, sobe ao monte onde está engaiolado um anjo que guarda a última candeia de fogo capaz de libertar a vida da escuridão, por sua vez o castigo de Prometeu é a perda dos sentidos. A loucura.

MITO DO ETERNO RETORNO

O conceito de mito não esteve desde sempre conotado com a ideia de mentira ou ficção. Sabendo disso, Ferreira (2012) exemplifica $\mu\acute{\upsilon}\theta\omicron\varsigma$ no começo por simplesmente ‘palavra’ (*Il. 9. 443*), ‘discurso’ (*Od. 1. 358*), ‘conversação’ (*Od. 4. 214*), ‘história/narrativa’ (*Od. 3. 94*), e nessas histórias podia ser verdadeira ou falsa, mas com tempo, o termo ficou associado apenas o sentido de ficção (por oposição a $\lambda\acute{o}\gamma\omicron\varsigma$ ‘história verídica’, conforme em Platão, *Prt. 320c*, ou Píndaro, *O. 1. 29*). Assim, concebemos hoje o mito como algo fabuloso, ainda que esteja ligado a uma situação real, relevante para toda comunidade.

Portanto, o mito para Ferreira (2012) corresponde:

à infância desta civilização, à qual faltavam formas científicas de justificar os acontecimentos, pelo que se recorria a episódios ou fatores sobre-humanos para explicá-los. [...] surge com o desenvolvimento do espírito científico e crítico e que vai pôr em causa a tradição mítica anterior. [...] que nos leva a questionar tudo o que nos rodeia e a tentar compreender racionalmente a mudança. (Ferreira, 2012. p.13)

Quanto a distinção de histórias verdadeira ou falsa, sempre haverá uma correlação aos acontecimentos à condição humana,

inerente para entender o mito como um fenômeno, Eliade (1972) explica:

Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje – um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras. Se o Mundo existe, se o homem existe, é porque os Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no "princípio". [...] ocorreram outros eventos, e o homem, tal qual é hoje, é o resultado direto daqueles eventos míticos, é constituído por aqueles eventos. Ele é, mortal porque algo aconteceu *in illo tempore*. Se esse algo não tivesse acontecido, o homem não seria mortal — teria continuado a existir indefinidamente.

Por sua vez, *A derrota do mito* é uma metáfora da queda do homem, sua angústia diante do sofrimento de seu destino trágico, sua impotência diante da inevitabilidade do tempo. Mas, em meio às ruínas há fragmentos de esperança para a humanidade? Mesmo que Gaia, uma personagem que encarna a própria vida, cobra o seu direito à existência, Prometeu não fica aprisionado aos seus medos, encarando assim a punição de sua lucidez, logo após a amпуlhetta é virada, a Aurora entra em cena e um mendigo com expressão de loucura.

De acordo com Carminé (2004), tais proposições, o mito e o imaginário passam exprimir fórmulas de demasiado valor funcional, equiparando-se ao grande poder da razão formal, ultrapassando o próprio ser com agitação do ímpeto vital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teatro é um efeito de tradução da vida, dos sentidos, dos dramas em face da sua realidade cotidiana. Do mesmo modo, Grizoste (2015) cita a arte teatral pode ser lida e pode ser assistida, garantindo um espaço entre as faculdades criadoras, emotivas e de intuição literária, possuindo a liberdade de tramitar entre o universo dos leitores e dos espectadores, porque trabalha ao mesmo tempo

com as semioses artística e a literária. Assim, através do teatro, a influência do personagem épico à referida obra correspondente a atualidade, Bloom (2002) argumenta:

A influência é simplesmente uma transferência de personalidade, um modo de abirmos mão do que é mais precioso para nosso eu, e seu exercício produz uma sensação e, talvez, uma realidade de perda. Todo discípulo toma alguma coisa de seu mestre.

Portanto, esta influência não faz destes poetas e dramaturgos menos originais, a obra que surge e aos que surgirá não se apresenta e nem apresentará como novidade absoluta, assim já disse Jauss (1994), ela desperta a lembrança do já lido, conduzindo o leitor a determinada postura emocional, antecipando uma compreensão acerca da subjetividade da interpretação, uma vez que os poetas fortes fazem essa história distorcendo a leitura uns dos outros, a fim de abrir para si mesmos um espaço imaginativo, conforme Bloom (2002).

Quanto ao mito faz refletir a cultura imersa e se revezam de acordo com as circunstâncias humanas, participando da construção social da realidade com o discurso coerente, mas de profunda subjetividade. Sabendo que todo mito é uma procura do tempo perdido, e o sentido do mito em particular não faz mais que remeter o homem para a significação do imaginário e real (Carminé, 2004. p. 33; 84).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Autor Clássico

A. M. Valente (2008). **Aristóteles. Poética de Aristóteles**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Autores Modernos

C. M. Araújo (2011). “A Poética de Aristóteles sob a abordagem de Lígia Militz da Costa” **Kaliópe 14**. p.70-82.

T. V. Barbosa (2011). “Quando um brasileiro lê Plauto”, A. López; A. Pociña; M. F. Silva. **De Ayer a hoy: influencias clásicas en la literatura**. Coimbra: CECH. p.61-69.

H. Bloom (2002). **A angústia da influência: uma teoria da poesia**. Trad. M. Santarrita. Rio de Janeiro: Ed. Imago.

D. Carminé (2004). **Mito, inconsciente e imaginário**. Manaus.

- M. Eliade (1972). **Mito e Realidade**. Trad. P. Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva. p. 12-13.
- A. M. G. Ferreira (2012). **O homem de Estado ateniense em Plutarco: o caso dos Alcmeónidas**. Coimbra: CECH. p. 9-15.
- W. F. Grizoste (2015). “Nas origens do drama e do teatro ocidental. Onde cabe o romance e o cinema?” **Boletim de Estudos Clássicos** 59 p.153-166.
- H. R. Jaus (1979). “O Prazer Estético e as Experiências Fundamentais da *Poiesis*, *Aisthesis* e *Katharsis*”, H. R. Jaus...*Et al A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção*.; trad. L. C. Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra. p. 86-87.
- (1994). **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática. p. 28
- T. Telles (2003). **A derrota do mito**. Manaus: Editora Valer.



O ÉPICO NAS POESIAS DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Francisca de Lourdes Souza Louro [UEA]

Resumo: *Andersen publicou em 1983 a obra Navegações. É nele que o Atlântico foi e é, ao mesmo tempo, descoberta e deslumbramento. Os Descobrimientos Portugueses foram, na sua visão poética, uma epopeia do espanto, porque se os Europeus tiveram nas navegações dos séculos XV e XVI a capacidade e a vocação de romper os limites, coube aos Portugueses darem, na História, o passo que nesse processo se afigura decisivo. Em seu livro de estreia, Poesia, de 1944, Sophia já anunciava as principais características da sua arte poética: um rigor clássico traduzido numa enorme simplicidade de linguagem para dizer a aliança do ser com o mundo através de imagens nítidas como a terra, o sol e o mar. Salta aos olhos na poesia de Sophia a sua inalterável unidade dentro do múltiplo. É sempre uma voz portuguesa, que fala em seus poemas, invariavelmente surgidos, apesar disso, à distância de toda e qualquer construção temática.*

Palavras-chave: Hermenêutica, Poesia, Sophia, Mar, Navegações.